



VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA

UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS:
SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS

04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

O PROCESSO DE EUGENIA URBANA: CONFIGURAÇÃO E SEGREGAÇÃO DOS TERRITÓRIOS NEGROS BRASILEIROS

Hércules Souza de Carvalho¹

Glauber Barros Alves Costa²

Resumo: O desenvolvimento das cidades brasileiras foi profundamente influenciado por ideias e práticas de eugenia e branqueamento da população, que se manifestaram nas tentativas de "limpeza" étnica dos bairros das grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, visando separar a população negra dos centros urbanos, perpetuando a desigualdade racial e social. Após a abolição da escravidão, os negros se viram relegados a locais como porões e cortiços nos centros urbanos, devido à chegada de imigrantes europeus e à expansão da economia cafeeira, enquanto a "teoria do branqueamento" buscava inferiorizá-los. Os terreiros de religiões de matriz africana se tornaram refúgios importantes para a comunidade negra, resistindo às políticas urbanas segregacionistas, porém alvo de ataques das autoridades que visavam lucrar com a urbanização. Busca-se, então, através do mapeamento dos terreiros revelar suas distribuições geográfica e suas importâncias culturais, contribuindo para a preservação desses locais, enquanto destacamos a necessidade de um letramento racial na educação básica para compreender como a sociedade se organizou ao longo do tempo nas cidades. A segregação socioespacial reflete um racismo estrutural que relegou os terreiros e suas comunidades para os limites urbanos, privando-as de direitos básicos, evidenciando o papel da elite branca na estruturação das cidades, enquanto o mapeamento e a cartografia revelam a exclusão dos terreiros do direito à cidade.

Palavras-chave: Ensino. Racismo. Segregação socioespacial. Terreiros. População negra.

¹Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade Independente do Nordeste – FAINOR. Mestrando em Ensino, Linguagem e Sociedade. Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Email: arq.hcarvalho@gmail.com

²Doutor em Educação (UFSCAR) com doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa (ULISBOA). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Licenciado em Pedagogia pela Claretiano Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Email: gbcosta@uneb.br

Abstract: The development of Brazilian cities was deeply influenced by ideas and practices of eugenics and bleaching of the population, which manifested themselves in the attempts of "ethnic cleansing" from the neighborhoods of large cities such as São Paulo and Rio de Janeiro, aiming to separate the black population from urban centers perpetuating racial and social inequality. After the abolition of slavery, blacks were relegated to places such as basements and tenements in urban centers, due to the arrival of European immigrants and the expansion of the coffee economy, while the "theory of whitening" sought to inferiorize them. The terreiros of African matrix religions became important refuges to the black community, resisting segregation urban policies, but the target of attacks from authorities aimed at profit from urbanization. Thus, through the mapping of the terreiros, reveal their geographical distributions and their cultural importance, contributing to the preservation of these places, while we highlight the need for racial literacy in basic education to understand how society has been organized over time in cities. Socio-spatial segregation reflects structural racism that relegated the terreiros and their communities to urban boundaries, depriving them of basic rights, highlighting the role of the white elite in the structuring of cities, while mapping and cartography reveal the exclusion of terreiros from law the city.

Keywords: *Teaching. Racism. Socio-spatial segregation. Terreiros. Black population.*

Introdução

O processo de formação das cidades brasileiras foi diretamente influenciado por um processo eugenista e embranquecedor da população. Isso pode ser evidenciado nos processos de "limpeza" dos bairros das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que tiveram como objeto principal, apartar a população negra de seus centros, excluindo essa população, plantando as raízes de uma desigualdade social e racial em nossas cidades.

Os novos territórios negros, pós-abolição, configuravam-se nos porões e cortiços que eram construídos nos centros das cidades devido a intensa imigração de mão de obra europeia e à dinâmica da economia cafeeira (Rolnik, 1997, p.75). A chegada de uma nova população branca no país influenciou o higienismo da população, ao propor um branqueamento dos brasileiros.

Segundo Skidmore, (1989, p. 81), essa "teoria do branqueamento" foi sedimentada baseada em um discurso que buscava inferiorizar a raça negra, encarando-a como uma raça "menos adiantada". Aliado à esse discurso, tivemos o fato de que, devido suas condições socioeconômicas, a população negra sofria mais com os impactos de uma maior mortalidade infantil e pelo fato de que pessoas negras desejavam cada vez mais casar-se e terem filhos com pessoas mais claras,

numa tentativa de fugir de todo o preconceito ou, ao menos, garantir uma vida melhor para seus descendentes.

Para Andrade e Silveira (2013, p. 383), os impactos dessa segregação são variados. Cria-se a sensação de que cada grupo, mediante a distância física e social, situa-se em seus “devidos lugares”. Ou seja, conforme há a expansão urbana, as consequências se majoram, isolando ainda mais os pobres e os negros.

Esse isolamento aumenta o custo de vida, a população mais isolada passa a arcar com seu deslocamento para as regiões com maiores oportunidades de trabalho, de educação, saúde e lazer. Esse distanciamento cria limites na cidade e dificulta a convivência com outros grupos sociais. Quando os mais pobres não conseguem absorver tais custos, eles passam a viver em meio ao desemprego e a fome.

Das todas as dificuldades de se inserirem e terem territórios dignos nas cidades, a população negra se organizou, historicamente, em locais que pudessem dar amparo para a manutenção de suas culturas e de seu povo. Raquel Rolnik nos elucida esse fenômeno ao nos explicar como os terreiros de religiões de matriz africana se constituíram como importantes espaços de refúgio e sobrevivência.

Um dos suportes mais sólidos desse patrimônio [cultural negro-africano] foi, desde a senzala, o próprio corpo, espaço de existência, continente e limite do escravo. [...] Era através dele que, na senzala, o escravo afirmava e celebrava sua ligação comunitária; era através dele também que a memória coletiva pôde transmitir-se, festejada. Foi assim que o pátio da senzala, símbolo da segregação e controle, transformou-se em terreiro, lugar de celebração das formas de ligação da comunidade (Rolnik, 1997, p. 65).

Aliado a isso, temos que os terreiros não são somente espaços de culto religioso, são espaços comunitários, espaços que também servem de habitação coletiva fixa ou temporária de seus adeptos. Estes espaços e todos os outros territórios negros que ainda resistiam nos centros das cidades foram alvos de ataques reais e imaginários por parte dos “novos dirigentes da nação” que almejavam transformar o espaço físico urbano em fonte de lucro (Rolnik, 1997, p. 66).

As reformas urbanas que, como já dito, deslocaram a população negra e pobre para os limites da cidade, reforçam como as políticas públicas, criadas a partir do final do século XIX, ampararam um projeto de Estado racista e segregador. Logo, almejamos entender como os terreiros de matriz africana têm sido afetados pelas políticas públicas urbanas, a segregação socioespacial e o racismo.

Seções e parágrafos

Buscando melhor entender as consequências desse processo de organização das cidades brasileiras, com recorte nos territórios negros, neste caso, dos terreiros de matrizes africanas, buscamos suporte com os resultados pedagógicos e culturais que a Cartografia pode nos trazer.

Mapear os terreiros, entender sua localização, é importantíssimo para analisar a distribuição geográfica desses locais, contribuindo, dessa forma, para o surgimento de ações que intentam para a proteção e preservação desses espaços. Não obstante, se transforma em uma provável fonte para pesquisadores, já que passa a demonstrar o processo de ocupação territorial e demonstra as áreas nas quais essas manifestações culturais e religiosas estão mais enraizadas.

A cartografia social e o mapeamento coletivo são ferramentas que podem e devem ser utilizadas no campo da educação. Já que nesse âmbito, é imprescindível que haja um letramento racial, de forma a garantir, aos alunos da educação básica, um contato com esses conhecimentos e com a forma de como a sociedade brasileira se organizou nas cidades com o passar do tempo.

Com os resultados obtidos através da cartografia, é possível verificar a aglomeração de grupos sociais em um determinado espaço territorial e social, dada a “proximidade ou concentração residencial de famílias de um mesmo grupo” (Carvalho, Arantes, 2021, p. 20). Através disso, podemos entender se essa aglutinação de grupos sociais é positiva, negativa ou não igualitária dentro dos espaços urbanos, de forma que possam influenciar, ou não, na (re)produção de desigualdades e estigmatizações raciais perpetuando os prováveis privilégios de um determinado grupo.

Essa segregação pode ser entendida, conforme nos explicam Sabatini e Sierralta (2006, p. 171) como a heterogeneidade de participantes de diversos grupos dentro de um mesmo espaço geográfico ou a capacidade que cada indivíduo tem para entender sua participação sem seu grupo social. Essa subjetividade está relacionada às amenidades existentes ou não existentes nos diferentes bairros, além da identidade social de indivíduo que está carregada de estigmas e preconceitos devido à sua condição econômica e local de residência.

De um lado, encontram-se os estigmas territoriais que se encarregam de marcar os bairros 'ruins'. Todos os que lá vivem são suspeitos. De outro, os bairros de prestígios, denominados 'exclusivos' pelos corretores de imóveis, o que não deixa de ser eloquente por si mesmo. Viver em tal área outorga status e outras vantagens [...], como a qualidade dos serviços e infraestruturas (Sabatini, Sierralta, 2006, p. 172).

Associada a esse distanciamento forçado entre a população pobre e negra dos centros das cidades, houve, também, movimentos que buscavam a estereotipar e a criminalização dessas comunidades nos locais que antes habitavam. As expressões culturais pertencentes a elas, como suas danças, seus ritos, seus rimos – expressões essenciais do ser afro-brasileiro – passaram a serem vistos como luxúria, promiscuidade e até mesmo, ações criminosas nos territórios urbanos (Rolnik, 1997).

Considerações Finais

Percebemos que entender o processo de segregação socioespacial de terreiros de matriz africana revelam um racismo espacial e estrutural que, historicamente, segregou esses espaços religiosos e suas populações originárias e adeptas para espaços nos limites das cidades, longe das amenidades e dos direitos básicos, como educação, saúde e lazer.

Logo, é necessário entender o papel da branquitude na estruturação desses espaços urbanos, já que as políticas eugenistas e branqueadoras acima mencionadas, foram pensadas e implementada por uma elite e por políticos, frutificaram e materializaram nas periferias das grandes cidades em bairros e espaços urbanos que restou a população negra ocupar.

Ainda destacamos o mapeamento e a cartografia como elementos que revelam como os terreiros de matriz africanas se localizam nas cidades e ajudam a problematizar como eles são desprovidos do direito à cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Luciana Teixeira; SILVEIRA, Leonardo Souza. Efeito-território: explorações de um torno de um conceito sociológico. **Civitas**. Infância e crianças: saberes, tecnologias e práticas. Porto Alegre, RS, vol. 13, n. 2, p. 381-402, maio-ago, 2013. DOI: <<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2013.2>>. Acesso em: 10 set. 2023.

CARVALHO, Inaiá; ARANTES, Rafael. “Cada qual no seu quadrado” Segregação socioespacial e desigualdades raciais na Salvador contemporânea. **Revista URE – Revista de Estudios Urbano Regionales**, vol. 47, n. 142, p. 49-72, 2021. DOI: <<https://doi.org/10.7764/EURE.47.142.03>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

ROLNIK, Raquel. Fronteiras: unicidade da lei e multiplicidade dos territórios. In: ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo**. ed. Studio Nobel, Fapesp, São Paulo, 1997, Cap. 2, p. 59-100. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5642551/mod_resource/content/1/ROLNIK-Raquel_A%20Cidade%20e%20a%20Lei_cap-2.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SABATINI, Francisco; SIERRALTA, Carlos. Medição da segregação residencial: meandros teóricos e metodológicos e especificidades latino-americana. **Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**, p. 169-195, 2006. Disponível em: <<https://www.nepo.unicamp.br/publicacao/novas-metropoles-paulistas-populacao-vulnerabilidade-e-segregacao/>>. Acesso em: 03 set. 2023.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.